

Estudos da Língua(gem)

Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa

Estudo da interlíngua de surdos usuários de Língua de Sinais Brasileira na aquisição de português (L2): nominais nus e definidos genéricos¹

Study of the interlanguage of deafs, users of Brazilian Sign Language, in the acquisition of Brazilian Portuguese (L2): bare nominals and generic definites

Heloisa Maria Moreira LIMA-SALLES*

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Adriana Cristina Chan VIANNA*

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RESUMO

O estudo examina a interlíngua de surdos (usuários de Língua de Sinais Brasileira) aprendizes de português como segunda

¹ Agradecemos ao PROESP/ CAPES, pelo apoio ao projeto “Português como segunda Língua na Educação Científica de Surdos” (processo no. 518/ 2003), e aos parceiros do projeto, a saber Paulo Salles, Gisele Morisson, Mônica Rezende, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UnB, Aline Camila Mesquita, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Agradecemos também à direção do Centro Educacional Elefante Branco e do Centro Educacional 6, de Taguatinga, ambos situados no Distrito Federal, e também às Profas. Margot Latt Marinho e Giselda. Por fim, mas não menos importante, agradecemos aos alunos (surdos e ouvintes) participantes do estudo, pelo interesse e seriedade com que se aplicaram ao projeto. Agradecemos também a Anna Roussou e Ianthi-Maria Tsimpli pelas discussões em relação às questões de AL2. Os erros são de nossa inteira responsabilidade.

*Sobre a autoras ver página 264.

língua, considerando, em particular, a manifestação de definidos genéricos (no singular e no plural) e de nominais nus (no singular). A alta frequência de nominal nu no singular é analisada como transferência de L1, já que a LSB não possui artigos. Partindo-se da hipótese de que a categoria de número é interpretável no DP definido genérico, propõe-se que o desenvolvimento linguístico ocorre mediante o mapeamento de propriedades morfo(fono)lógicas do artigo definido (plural) na projeção do núcleo funcional Número.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição de língua. Língua de sinais brasileira. Português L2. Definido genérico. Nominal nu.

ABSTRACT

The study examines the interlanguage of deafs (users of the Brazilian Sign Language) learning Portuguese as a second language. In particular, the manifestation of bare nominals (in the singular) and definite generics (in the singular and in the plural) is taken into consideration. The high frequency of singular bare nouns is analysed as L1 transfer, given that LSB does not have (definite) articles. Assuming that number is an interpretable feature on the generic definite DP, it is proposed that the linguistic development takes place through the syntactic mapping of morpho(phono)logical properties of the (plural) definite article on the functional head Number.

KEYWORDS

Language acquisition. Brazilian Sign Language. L2 Portuguese. Definite generics. Bare noun.

1 Introdução

O estudo examina o sintagma determinante na interlíngua de surdos aprendizes de português como segunda língua (L2), usuários da Língua de Sinais Brasileira (LSB), como L1, em que se depreende interpretação de espécie/*kind*. Sabe-se que o português admite diferentes realizações sintáticas para o DP nesses contextos, a despeito de restrições em relação a sua distribuição sintática. Na análise, são consideradas as

seguintes possibilidades de estruturação do DP: (i) nominal nu singular (*cobra*); (ii) nominal nu plural (*cobras*); (iii) nominal definido singular (*a cobra*); (iv) nominal definido plural (*as cobras*).

Os dados são sistematizados em termos da incidência, na interlíngua dos surdos, das diferentes formas de estruturação do DP ilustradas em (i) a (iv), propondo-se que a diferença na frequência das mesmas indica a existência de diferentes níveis de desenvolvimento linguístico, os quais são analisados em termos do desempenho do grupo controle, constituído de ouvintes que têm português como L1. A análise fundamenta-se na hipótese de que a interpretabilidade dos traços formais que constituem o léxico funcional afeta a aquisição das propriedades morfossintáticas da língua-alvo, de que resulta a transferência das escolhas paramétricas da L1 para a gramática da L2. Em particular, assume-se, seguindo Tsimplici (1999, 2004), Lopes e Quadros (2005), que diferenças de interpretação na Forma Lógica² (doravante, LF, do inglês *Logical Form*) dos traços formais das categorias sintáticas envolvidas produzem uma assimetria na AL2: traços não-interpretáveis na L1 resistem à refixação de seus valores, dando origem a padrões diferenciais de desenvolvimento se comparados a traços interpretáveis gramaticalizados na L2, mas não na L1, ou a traços interpretáveis que apresentam gramaticalização diferente na L1 e na L2.

Assume-se ainda que o nominal nu (singular) manifesta-se como opção *default*, na interlíngua do surdo, no sentido de não apresentar categorias flexionais, indicando transferência da L1, com implicações para a projeção de categorias funcionais. Essa situação distingue-se daquela em que o nominal nu implica a presença de categorias funcionais na projeção estendida do NP, conforme proposto em vários estudos (cf. SCHMITT; MUNN, 1999). Uma vez presente a derivação sintática na projeção do nominal nu, tem-se, por hipótese, as condições necessárias para o licenciamento das diferentes configurações do DP. É o caso da configuração ‘artigo definido + nome’, com interpretação

² A LF é definida como um nível de representação resultante das derivações produzidas pelo sistema computacional da linguagem humana (C_{HL}), o qual faz interface com um dos sistemas de desempenho – a saber, o sistema conceitual-intencional (cf. CHOMSKY, 1995).

genérica, em que o artigo definido é usado como categoria expletiva (cf. LONGOBARDI, 1994). Propõe-se que a ocorrência da categoria expletiva na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) é um estágio do desenvolvimento linguístico, cuja manifestação é determinada pela categoria funcional Número na estrutura do DP. Cabe ainda destacar que, nos estágios iniciais de AL2 (e na L1 dos surdos), o nominal nu é encontrado não só em contexto de interpretação genérica, como também em contexto de interpretação referencial, estando esta última possibilidade fora do escopo do presente estudo.

O estudo desenvolve-se em duas escolas públicas de Ensino Médio de Brasília, com estudantes do 2º. ano, incluindo-se o grupo de surdos e o grupo controle, constituído de ouvintes (falantes nativos de português). Todos os participantes surdos são fluentes na LSB, segundo depoimento das intérpretes de LSB que com eles atuam no ambiente educacional. O conhecimento de português (L2) (escrito), por sua vez, é obtido no contexto da educação formal, no processo de escolarização. O grupo de ouvintes, tomado como controle, foi selecionado segundo interesse em participar da formação proposta, que envolvia a atividade didática, com uso de computador.

Condições individuais da situação sócio-educacional dos surdos, no que se refere ao acesso à LSB e ao português (como segunda língua), a que se associam as especificidades da AL2, em oposição à AL1, determinam discrepâncias em relação aos níveis de interlíngua entre os participantes. A análise dos dados permite constatar que, embora estejam cursando a mesma série da educação formal, existem níveis distintos de desenvolvimento na aquisição de português L2. Tais níveis definem-se, por hipótese, em termos da manifestação quantitativamente significativa do nominal nu (no singular), em oposição à configuração do definido genérico, e ainda em relação à manifestação das categorias flexionais de gênero e número no nome e no artigo definido.

A discussão será desenvolvida como a seguir: inicialmente, será apresentado o procedimento adotado na constituição dos dados; em seguida, será feito o enquadramento teórico da discussão, apresentando-

se a hipótese do desenvolvimento linguístico na AL2 e sua abordagem em termos da *interpretabilidade dos traços formais*; em seguida, serão analisadas as propriedades do sistema DP em português e em LSB, seguindo-se a análise dos dados da interlíngua e as considerações finais.

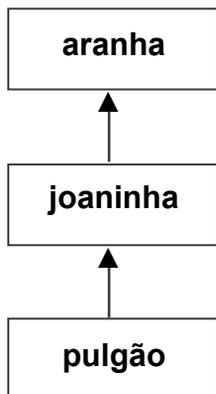
2 Os dados e sua fonte

Os dados foram coletados em uma atividade didático-pedagógica, em que se abordava tema extraído do componente curricular Biologia, do Ensino Médio. A atividade compreendia duas etapas. Na primeira, aplicou-se pré-teste, constituído de questionário, com respostas a serem fornecidas em sentenças com lacunas, e produção (induzida) de texto escrito, ambos em português, orientados para o tema escolhido; na segunda etapa, desenvolveu-se atividade didático-pedagógica por meio de aula expositiva acerca do tema escolhido, seguida de avaliação (o pós-teste).³ As aulas expositivas para os surdos foram interpretadas em LIBRAS. A avaliação da segunda etapa compreendia questionário, com respostas a serem fornecidas em sentenças com lacunas, e produção (induzida) de texto escrito, ambos em português. Os dados para o presente estudo foram extraídos da atividade escrita de redação. Na seção I, participaram 6 (seis) estudantes surdos; na seção II, participaram 9 (nove) estudantes surdos – os 6 (seis) participantes da seção I estavam todos presentes na seção II. O grupo de estudantes ouvintes era formado por 21 alunos, presentes em ambas as seções.

O desenvolvimento da atividade “Interações ecológicas entre populações”, abordava, além das interações ecológicas, designadas contrastivamente como *predatismo*, *comensalismo*, *parasitismo*, *simbiose*, *competição*, noções como *cadeias alimentares* e *teias alimentares*. Crucial para a construção desses conceitos ecológicos é a noção de *custo-benefício*, a qual pode manifestar-se positivamente ou negativamente ou de forma

³ A existência do pré-teste e do pós-teste vem atender objetivos mais amplos do experimento, voltados para a análise da estratégia psico-pedagógica adotada na atividade didática (ver nota 3), os quais são alheios ao presente estudo, que se volta crucialmente para a análise da interlíngua dos participantes. Nesse sentido, interessa para a presente discussão os dados colhidos na produção escrita independentemente de sua origem no pré-teste e no pós-teste.

indiferente, de que se extraem implicações para a ecologia de populações (cf. ODUM 1985). Tais relações remetem à noção de cadeia e teia alimentar, conforme ilustração a seguir, a qual corresponde a um dos tipos propostos no evento didático-pedagógico.



As relações entre populações observadas na cadeia e na teia alimentar colocam questões interessantes em relação à expressão da causalidade. Na predação, em que a causalidade é bidirecional, o ponto de partida das mudanças pode produzir diferentes resultados: por exemplo, se há aumento primeiramente na população de predadores, então o número de presas diminui, mas se o número de presas diminui (por razão independente⁴ ou não do predatismo), então o número de predadores também diminui. Nesse sentido, o tema é adequado à formulação de enunciados que descrevem implicações como a exemplificada em (1):

(1) SE as aranhas aumentam, ENTÃO as joaninhas diminuem.

Adotando-se essa abordagem, foram identificados, na interlíngua dos surdos, enunciados como em (2), em que são grifados, respectivamente, o nominal nu (singular ou plural) e o definido genérico (singular e plural):⁵

⁴ Fatores independentes do predatismo são devidos a condições externas à interação entre as populações envolvidas, as quais podem ter caráter estocástico (ou não). Dessa interação complexa de fatores resulta a dinâmica de populações (cf. ODUM 1985).

⁵ Os dados dos surdos não sofreram qualquer tipo de revisão de forma.

- (2) a. pulgão pegar comer capim já / morre pulgão depois capim aumenta (EZ3)
 b. porque garça busca comida peixe (GA4)
 c. Se as peixes morrem então a população alga aumentou (JO5)
 d. É parece sapo pula boca grande rápida busca cola busca come para o grilo (GA4)

Assume-se que os nomes grifados em (2a-d) são sintagmas nominais plenos, que se distinguem do sintagma nominal *população alga*, em que o nome *alga* ocorre como restritor do nome *população*, constituindo um sintagma nominal complexo (cf. (2c)). Nos diferentes dados, o nominal é interpretado como espécie (*kind*) (também no sentido de espécie biológica), extraído do conjunto de animais que integram a teia alimentar em estudo. Dado o interesse em discutir os dados da interlíngua em termos da opcionalidade na distribuição de nominais nus (singular e plural) e definidos genéricos (singular e plural), os sintagmas nominais complexos não foram computados.

3 Padrões de interlíngua e a hipótese do desenvolvimento linguístico na AL2 em termos da interpretabilidade dos traços formais

O problema lógico da aquisição de segunda língua (doravante AL2) formula-se com base na hipótese de que o conhecimento linguístico dos falantes não-nativos, definido como as gramáticas subjacentes da interlíngua, exhibe propriedades das línguas naturais, o que permite supor que seja determinado pela Gramática Universal (doravante UG, do inglês *Universal Grammar*). Conforme formulado originalmente pelo linguista Noam Chomsky, na aquisição de língua (materna/L1), é acionado o dispositivo inato de aquisição de língua (*Language Acquisition Device* – LAD), constituído de um estado mental inicial, *State₀*, que toma os dados do *input* – os dados linguísticos primários (*Primary Linguistic Data* – PLD) – e gera sucessivos estados mentais intermediários até atingir o estado mental final, *State_n*, que corresponde à gramática particular internalizada, também referida como a Língua-Interna/ *I(nternal)-language* ou *competência* linguística do falante. A Língua-I opõe-se à língua externa/ *E(xternal)-language*, que

corresponde à coleção de enunciados produzidos, também referidos como os dados do desempenho do falante (cf. CHOMSKY, 1986).

Em relação à natureza da representação sintática na AL2, existe controvérsia em relação ao papel da UG. Uma hipótese baseia-se no fato de que é possível identificar, na L2, propriedades que não estão suficientemente evidentes – ou não ocorrem – nos dados da L1, que constituem o *input* linguístico da aquisição da L2 (cf. WHITE, 2003).⁶ Diante disso, supõe-se que a AL2 – como a aquisição da primeira língua (AL1) – requer o acesso à UG, cabendo investigar se o acesso à UG é direto ou mediado pela L1, o que remete ao problema da *interferência* da L1 (cf. WHITE, 1989, 2003; SCHWARTZ, 1998; EPSTEIN et al., 1996; KLEIN, MARTOHARDJONO, 1999, entre muitos outros). De fato, são evidentes as características de incompletude da interlíngua em relação à língua-alvo, havendo a possibilidade de que certas formas resistam, mesmo para aprendizes em estágios avançados – um problema de natureza conceitual para a maioria das correntes de investigação do desenvolvimento da L2. Tal fenômeno, referido como *fossilização*, tem sido analisado como efeito do *período crítico*, o qual diz respeito à interação entre o desenvolvimento de áreas do cérebro e o estímulo externo. No caso da aquisição de línguas, refere-se à constatação de que a infância é o período propício, em oposição à fase adulta (cf. LENNEBERG, 1967, apud EPSTEIN et al., 1996).

De acordo com esse enfoque, a L1 – ou a interferência da L1 – é a fonte original da *opcionalidade*, considerada inerente à manifestação da interlíngua. De acordo com Sorace (1999, 2003), a opcionalidade é um estado da *competência* gramatical, não sendo necessariamente vinculada a desempenho variável. Isso significa que a *opcionalidade* é decorrência de propriedades inerentes ao processo de AL2, cuja manifestação está associada aos seguintes fatores: (i) aprendizes de L2 têm na L1 uma fonte

⁶ A origem das propriedades não presentes no *input* encontra diferentes interpretações nas abordagens teóricas da AL2. Conforme observado em White (2003), o debate envolve, além da verificação empírica, as diferentes interpretações e consequente confusão terminológica na caracterização e utilização de termos como ‘acesso total’, ‘acesso parcial’, ‘acesso (in)direto’, relativos ao estado inicial da AL2, em que se supõe: acesso somente à GU (e independência total em relação à L1); acesso à GU somente via L1; acesso inicial à L1 e posterior refixação de parâmetros; acesso à GU via L1 (mas não restrito à L1)).

de opcionalidade; (ii) a opcionalidade na L2 tende a persistir até níveis avançados de competência; (iii) opcionalidade residual é encontrada até o último estágio na L2.

No presente estudo, adota-se hipótese de Tsimpli (2004) (cf. também TSIMPLI; STAVRAKAKI, 1999), segundo a qual os padrões de opcionalidade da interlíngua na AL2 podem ser explicados em termos da oposição entre traços formais interpretáveis e não-interpretáveis – uma versão fraca da hipótese que postula não ser possível a refixação de valores paramétricos, estando o aprendiz deterministicamente limitado a operar com os parâmetros da L1 (acesso parcial), em associação com mecanismos de aprendizagem (cf. TSIMPLI; ROUSSOU, 1991; SMITH; TSIMPLI, 1995)⁷. Nessa abordagem, o mapeamento de traços formais abstratos na estrutura morfo(fono)lógica na AL2 é restrito a um subconjunto de traços, a saber aqueles em que se identifica aporte de interpretabilidade. Inversamente, traços formais não-interpretáveis resistem à refixação paramétrica. Nesse sentido, em relação a traços gramaticalizados na L2 e não na L1 (ou marcados para valores paramétricos diferentes na L1 e na L2), a previsão é a de que são encontrados padrões diferenciais de desenvolvimento na aquisição de traços formais não-interpretáveis, quando comparados com traços interpretáveis.

Os dados da interlíngua dos surdos são examinados, no presente estudo, em termos da hipótese de que sua manifestação é determinada pela computação dos traços formais envolvidos, crucialmente definidos em termos de sua interpretabilidade. Passamos então a examinar em LSB e em português, por hipótese, respectivamente, L1 e L2 dos surdos participantes no experimento.

⁷ O contraste entre traços formais interpretáveis e não-interpretáveis tem sido explorado na teoria gerativa no âmbito de operações de checagem de traços formais: conforme proposto em Chomsky (1995), o sistema computacional da linguagem humana (C_{HL}) gera descrições estruturais das expressões linguísticas, operando sobre (feixe de) traços formais, os quais, juntamente com traços semânticos e traços fonológicos constituem os itens lexicais. Traços formais interpretáveis são, por exemplo, número e pessoa no nome, e traços formais não-interpretáveis, são número e pessoa no verbo. Enquanto traços formais interpretáveis permanecem ativos no decorrer da derivação, sendo interpretados em LF, traços não-interpretáveis devem ser eliminados/ valorados, sob pena de a derivação desmontar.

4 Valores paramétricos da L1 (LSB) e da L2 (português) na projeção de sintagmas determinantes

4.1 O sistema DP no português brasileiro

A pesquisa linguística acerca da sintaxe de sintagmas nominais é vasta e não está no escopo deste trabalho fazer a revisão das propostas a respeito da estrutura interna dessa projeção sintática. Assume-se, seguindo Longobardi (1994), Bernstein (2001), entre outros, que as propriedades que distinguem as leituras genérica e referencial, relevantes para o presente estudo, são gramaticalizadas no domínio da projeção do sintagma determinante (doravante DP, do inglês *D(eterminer) P(hrase)*), em particular na projeção da categoria D (determinante).

Um contraste paramétrico entre as línguas é a presença ou não de artigos (definidos e/ ou indefinidos). Os estudos demonstram que a ausência do artigo não implica, porém, a ausência do sistema DP, uma vez que a categoria determinante pode ser realizada por pronomes (pessoais) e por demonstrativos (dêicticos típicos ou dêicticos textuais). Considerando-se que a informação relativa à referência não é inerente ao nome, assume-se que D está relacionado à codificação dessa propriedade, mesmo em contextos em que o argumento é realizado sem determinante expresso (fonologicamente). Na proposta de Longobardi (1994), em línguas que têm D realizado morfofonologicamente, D nulo é licenciado sob condições restritas.

No caso dos participantes surdos no experimento em questão, a LSB é sua L1 – ressalvadas as especificidades da AL1. Assumir que a língua de sinais é a L1 do surdo sustenta-se crucialmente na implicação mútua entre a modalidade visuo-espacial e as condições perceptuais dos usuários, o que permite situar a língua de sinais em condição favorável para o desenvolvimento linguístico, em comparação com a língua oral (na modalidade escrita). Apesar desses fatos, é possível demonstrar que existem semelhanças entre ouvintes e surdos no que se refere à AL2 (cf. BERENT, 1996; CHAN-VIANNA, 2003, 2004).

Os estudos translinguísticos propõem distinguir, na projeção do DP, núcleos sintáticos que codificam, além da referencialidade, propriedades semânticas, como (in)definitude, especificidade, dêixis, bem como operações de concordância e de marcação expletiva e resumptiva (cf. ABNEY, 1987; LONGOBARDI, 1994; BERNSTEIN, 2001, entre outros). Assume-se ainda que a categoria de ‘número’ é capaz de contribuir para a determinação da referencialidade do nome, ao indicar que um conjunto de entidades tem uma cardinalidade. Na interpretação de *kind*, o nome comum é uma propriedade, e como tal não define a quantidade de indivíduos a que deve ser aplicado, sendo, portanto, não atomizado. No entanto, quando atomizado, deixa de denotar *kind*, havendo, nas línguas, diferentes meios de atomizar o conjunto definido pelo nome comum: em chinês e vietnamita, usam-se classificadores, em outras línguas, categorias de número, definitude ou especificidade são usadas. A referencialidade de N está, portanto, ligada a um desses traços (ou a uma combinação deles) (cf. ALEXIADOU et al., 2007; CHAN-VIANNA, 2008, p. 51). Essa abordagem é conhecida como *Hipótese DP*: o DP é uma projeção de D, que seleciona NP, conforme ilustrado em (3):

$$(3) [_{DP} D [_{NP} N]]$$

No português do Brasil (PB), o sistema DP compreende artigos definidos e indefinidos – além de demonstrativos, numerais. Artigos definidos ocorrem em DPs interpretados como referenciais e não-referenciais (estes últimos designados *definidos genéricos*). A construção do tipo *definido genérico*, o artigo é considerado uma forma expletiva, conforme proposto em Longobardi (1994). Nominais introduzidas por artigos indefinidos são sintagmas que se caracterizam ora por estabelecer referência, apresentando especificação (inerente) para referencialidade, ora por ocorrer em sentenças interpretadas como genéricas, o que pressupõe operação de quantificação genérica na qual o sintagma indefinido introduz a variável sobre a qual se efetua

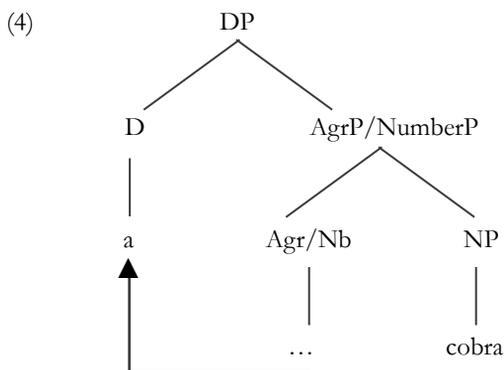
a generalização, sendo essa variável interpretada no escopo de um quantificador genérico (a respeito do PB, veja-se MÜLLER, 2003). Outra característica em relação ao sistema DP no PB é a de que os nomes podem ocorrer sem determinante, sendo referidos como nominais nus (no singular e no plural).⁸ Nominais nus (no singular e no plural) no PB denotam espécie (*kinds*).⁹ A esses aspectos acrescenta-se o fato de que o determinante em português concorda em gênero e número com o nome a que se vincula.

Considerando-se as propriedades citadas, e assumindo-se que são gramaticalizadas estruturalmente, pode-se então afirmar que o DP em português compreende projeções que codificam referencialidade/definitude e propriedades de concordância, admitindo-se, ainda, a presença de formas expletivas (cf. estrutura em (4), em que o movimento do artigo para o núcleo sintático de Definitude codifica, por hipótese, a leitura referencial).¹⁰

⁸ Em Schmitt e Munn (1999), é examinado o fato de ser possível encontrar nominais nus no singular em posição argumental no PB – mas não em outras línguas românicas. Os autores partem da generalização de Chierchia segundo a qual línguas com distinção morfológica entre singular e plural no nome autorizam que somente plurais e nomes massivos ocorram como argumentos nus, e propõem que, no PB, nominais singulares (não massivos) ocorrem em posição argumental porque o núcleo sintático que realiza a categoria número (Num) é projetado independentemente do núcleo de concordância (Agr), o que permite que Num esteja ausente quando não é interpretável – exatamente no contexto em que é interpretado como espécie (ou *kind*). Essa questão será retomada na discussão dos dados da interlíngua dos surdos.

⁹ Identifica-se na literatura controvérsia quanto à análise de nominais nus no singular – também referidos como nominais nus sem número. Em Schmitt & Munn (1999), o nominal nu singular no PB em função argumental denota espécie (*kind*); em Müller (2003), o nominal nu sem número em posição argumental não é expressão de referência a espécie – pelo fato de serem excluídos de contextos com predicados de espécie, como em **Onça está ameaçada de extinção* (p. 343); a leitura genérica da sentença com nominais nus no singular em posição argumental é obtida pela ação de um quantificador genérico que prende as variáveis sobre as quais se efetua a generalização (conforme proposto em KRIFKA et al. (1995); HEIM (1982), citados pela autora). Para o presente estudo é relevante o fato de que nesse contexto não é possível a interpretação referencial; inversamente, interessa ao presente estudo essencialmente o estatuto genérico da interpretação (seja tal interpretação decorrente do fato de o nominal nu denotar espécie, ou da atuação de um quantificador genérico na interpretação/ ligação da variável introduzida pelo nominal nu sobre a qual se efetua a generalização).

¹⁰ A estrutura em (18) permite analisar diferentes construções, assumindo-se que a projeção DefP permanece inativa ou não é projetada: (i) em definidos genéricos (com leitura expletiva do artigo) – o artigo permanece em D; (ii) em nominais nus (no singular e no plural) – o núcleo D gramaticaliza crucialmente propriedades de concordância (cf. nota iv, em que essa abordagem é mais elaborada, com a hipótese de realização dos traços de concordância separadamente do traço (interpretável) de Número na análise de nominais nus no português do Brasil).



4.2 O sistema DP em LIBRAS

Conforme amplamente referido na literatura, uma característica tipológica/ paramétrica de LIBRAS é a ausência da categoria artigo (definido e indefinido). Um corolário dessa propriedade é que sintagmas nominais sem determinante (aberto) codificam tanto a interpretação referencial como a genérica. No entanto, conforme ressaltam Quadros & Karnopp (2004) (cf. também FERRERA BRITO, 1995; QUADROS, 1999), a leitura genérica, em oposição à referencial, pode ser obtida por processos de quantificação e pelo uso de dêicticos e determinantes (demonstrativos e pronomes pessoais/ possessivos), bem como pelo estabelecimento de relações anafóricas.

Em particular, a referência aos participantes no discurso é feita por meio da apontação ostensiva no espaço de sinalização (dêixis) e do uso de formas ditas ‘flexionadas’ (como os chamados *verbos de concordância*, com a incorporação de marcas de pessoa na realização do sinal). Conforme Quadros (1999), os pontos no espaço relacionam-se ao referente, e introduzem o NP. Em relação ao sistema de pronomes pessoais, além de codificar a categoria pessoa (pela apontação ostensiva), distingue ainda número e caso (pela oposição com as formas do possessivo (cf. FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). Relações anafóricas são estabelecidas por meio de processos gramaticalizados

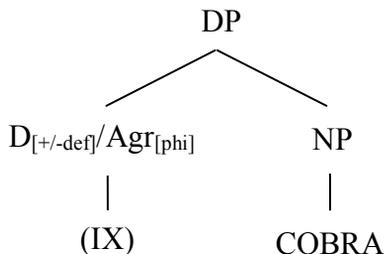
de orientação do olhar, do corpo, da cabeça na direção de referentes previamente introduzidos no espaço de sinalização, entre outros.

A categoria D é ainda lexicalizada em configurações com os chamados índices pré- e pós-nominais. Tais posições distinguem operações de referenciação/determinação, por um lado, e processos dêicticos, por outro, com implicações para o estatuto da categoria relevante, respectivamente determinante e locativo adverbial. Segundo Felipe (1998), em LSB, demonstrativos e advérbios de lugar diferenciam-se pelo contexto sintático e pela expressão facial. Em (5), ilustra-se, com dados extraídos de Santos (2001, p. 204), o determinante em posição pré-nominal:

(5) _____ t
 APONT_[def] QUARTO BAGUNÇADO SUJO, APONT_[PRON. 1s] DETESTAR
 ‘Esse quarto bagunçado, sujo, eu detesto’

Seguindo a análise de Neidle et al. (2000, p. 31) para a ASL, segundo a qual locais no espaço são traços *phi* (abertos), de pessoa e número, no que se refere a categorias D do tipo pronome e determinante, assume-se que, em LSB, a projeção dos traços *phi* é inseparável da projeção de determinantes (definidos e indefinidos) no núcleo D (cf. CHAN VIANNA, 2008). A configuração relevante está indicada a seguir.

(6)



Passamos a examinar os dados da interlíngua dos surdos aprendizes de português L2, no que se refere à realização do DP em

contexto de interpretação genérica. Para tanto, assume-se a hipótese de Tsimplici (2004), de que aprendizes cuja L1 não possui artigo (definido) em seu sistema vão encontrar dificuldade em adquirir as propriedades morfofonológicas dessa categoria, as quais, em português apresentam traços não-interpretáveis de gênero e número. Nesse sentido, na ausência de artigos em LSB, a previsão é a de que haverá resistência na aquisição da categoria artigo no português (L2) por surdos, independentemente da interpretação genérica ou referencial do sintagma introduzido pelo artigo (definido)).

Com esses pressupostos, passamos a examinar os dados colhidos no experimento citado como referentes a uma gramática do desenvolvimento linguístico, também designada *interlíngua* na AL2 dos surdos em questão.

5 Os dados da interlíngua

Conforme mencionado anteriormente (cf. seção 1), os dados da interlíngua dos surdos (bem como os do grupo de ouvintes) são enunciados que descrevem estados de coisa interpretados como condicionais genéricos, o que se explica pelo fato de descreverem relações ecológicas/ biológicas entre populações de seres vivos, que se definem em termos de uma implicação lógica. Nessas relações consta a referência a animais como ‘joaninha’, ‘jacaré’, ‘capim’, ‘homem’, ‘peixe’, dispostos de acordo com as relações definidas na teia alimentar.

São encontrados os seguintes tipos de DP nos dados da interlíngua dos surdos:

(i) nominais nus (no singular), como em (2a), repetido como (7a):

(7a): *pulgão* pegar comer *capim* já / morre *pulgão* depois *capim* aumenta (EZ3);

(ii) definidos genéricos (singular) como em (2d), repetido como (7b):

(7b) *É parece sapo pula boca grande rápida busca cola busca come para o grilo* (GA4)

(iii) definidos genéricos (plural), como em (2c), repetido como (7c):

(7c) *Se as peixes morrem então a população alga aumentou* (JO5)

Em relação ao grupo controle, constituído de ouvintes, foram encontrados os seguintes tipos de DP:

(i) nominais nus (no singular), como em:

(8a): ...com isso aranha, passarinho e lagarto ficam sem alimentos. (HG15)

(ii) definidos genéricos (no singular), como em:

(8b): Se a garça morre, os peixes aumentão (sic) (LL7)

(iii) definidos genéricos (no plural), como em:

(8c): Se as joaninhas morrem, os pulgões aumentão (sic) (LL7)

(iii) nominais nus (no plural), como em:

(8b): Se o fazendeiro usou inseticida para matar pulgões e grilos, as outras espécies, como a aranha, e a joaninha vão sobreviver. (SK1)

A análise dos dados parte da hipótese de que há diferença entre surdos e ouvintes, na escolha do tipo de DP, tendo em vista as características da gramática de L1 (dos ouvintes) e de L2 (dos surdos). A diferença na frequência dos tipos de DP é analisada em termos de fatores como a transferência de parâmetros da L1 na aquisição da gramática de L2. Tendo em vista a existência de quatro tipos de DP, e considerando-se que a categoria artigo não está presente na L1, a previsão é a de que a ocorrência do DP do tipo ‘definido (genérico)’ indica a existência de desenvolvimento lingüístico na AL2. A Figura apresenta a frequência relativa dos tipos de DP (nominal nu singular, definido singular, definido plural, nominal nu plural) encontrados nos dados da interlíngua dos surdos na comparação com os dados dos ouvintes.

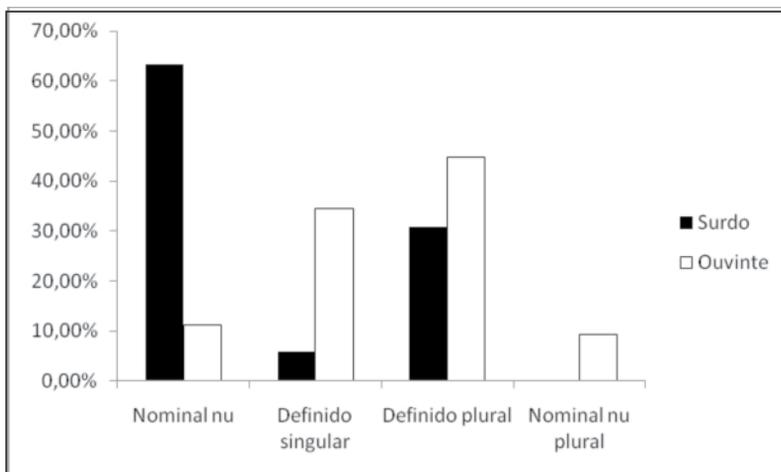


Figura 1: Tipos de DP em dados de surdos e ouvintes

Os resultados indicam que existe diferença na frequência dos tipos de DP escolhidos na gramática do português L2 de surdos e na gramática português L1 de ouvintes. A aplicação do teste qui-quadrado aos resultados revelou diferença significativa entre os dois grupos (surdos *vs.* ouvintes), em relação à frequência dos tipos de DP ($\chi^2 = 58,3$; $p < 0,01$). Em particular, no grupo dos surdos, constata-se a preferência pelo nominal nu singular, a que se segue o definido plural, e o definido singular. O nominal nu plural não é encontrado. Diferentemente, no grupo dos ouvintes, constata-se a ocorrência dos quatro tipos de DP, sendo o definido plural encontrado com maior frequência, seguido do definido singular, do nominal nu singular, e do nominal nu plural.

Considerando-se que a L1 dos surdos – a LSB – não apresenta a categoria artigo, conclui-se que a taxa de nominais nus (no singular) mais alta na interlíngua do surdos indica transferência dessa propriedade da L1. A presença de definidos (no singular e no plural) indica a existência de desenvolvimento linguístico. Em relação a essa hipótese, a questão que se coloca é o que determina a aquisição dessa propriedade, tendo em vista as características da AL2 e a natureza do conhecimento linguístico da L2.

Conforme mencionado anteriormente (cf. seção 3), adota-se a

hipótese de que a AL2 é determinada pela L1, não sendo possível a aquisição de parâmetros divergentes da L1. Nesse sentido, a aquisição da gramática de L2 restringe-se às categorias morfo(fono)lógicas em que se identifica aporte de interpretabilidade nos traços formais abstratos envolvidos. Assumindo-se a hipótese de que a ausência da categoria artigo na LSB correlaciona-se à ausência de um núcleo funcional exclusivo para a projeção de traços *phi* na projeção do DP nessa língua (cf. (5)), conclui-se que a ocorrência do DP do tipo definido (genérico) na interlíngua dos surdos requer a projeção de um núcleo funcional independente, cuja manifestação é determinada por um traço formal com aporte de interpretabilidade.

Em relação à manifestação do definido (genérico) na interlíngua dos surdos, observa-se que a taxa de frequência do definido plural é mais alta do que a do definido singular. Esse resultado sugere que a categoria artigo (definido) flexionada no plural é inserida em um núcleo funcional independente, cuja manifestação é determinada por um traço formal de número – projetado, por hipótese, na categoria funcional Número. Propõe-se que, nessa projeção, o traço formal de número tem aporte de interpretabilidade, por ser ligado por um operador de pluralidade, associado à interpretação genérica. Note-se que tal situação distingue-se das considerações feitas anteriormente em relação ao nome interpretado como espécie/*kind*, no qual se propõe estar ausente o traço de número (cf. Seção 4).

Assumindo-se que a ocorrência do nominal nu no singular corresponde a uma situação de transferência da L1, conclui-se que o desenvolvimento linguístico está crucialmente associado ao mapeamento das propriedades morfo(fono)lógicas do artigo (definido) nas projeções funcionais relevantes – em que se inclui a projeção da categoria funcional Número. Tal situação confirma-se pelo fato de que são encontrados DPs do tipo *os/as cobras* e *as aranha*, em proporção semelhante, nos dados da interlíngua, o que permite considerar a ocorrência do artigo (definido) no plural como um tipo de *default* morfológico na AL2.

Essa abordagem permite discutir ainda as condições que determinam a ocorrência do DP definido no singular. Partindo-se da

observação de que o traço de número é mapeado na matriz morfo(fono) lógica do artigo juntamente com o traço de gênero, este último um traço não-interpretável, propõe-se que o mapeamento das propriedades morfo(fono)lógicas do artigo na projeção da categoria de Número é associada à operação de concordância (*Agree*). Nessa configuração manifesta-se o fenômeno de *opcionalidade*, a qual, por hipótese, deve manter-se *residual* em relação ao traço formal de gênero, tendo em vista que não existe aporte de interpretabilidade em sua ocorrência na projeção do determinante/ artigo.

Cabe ainda observar que a oposição entre definidos genéricos (no singular e no plural), por um lado, e nominais nus (no singular e no plural), por outro, manifesta-se também nos dados do grupo de ouvintes: embora os quatro tipos de DP sejam encontrados nos dados dos ouvintes, é evidente a preferência pelo DP definido (no singular e no plural), em oposição ao nominal nu. Aplicando-se o teste do qui-quadrado aos resultados, constatou-se ser significativa a diferença entre os dois grupos (surdos *vs.* ouvintes), em relação à frequência dos dois tipos de DP, a saber, definidos (genéricos) e nominais nus ($\chi^2 = 32,43$; $p < 0,01$), o que vem confirmar o contraste entre a gramática de L1 e a gramática de L2.

Se, por um lado, as frequências observadas na distribuição dos dois tipos de DP (definidos e nus) revelam oposição entre os dois grupos, já que a taxa de nominais nus (no singular) é mais alta do que a de definidos no grupo de surdos, e a taxa de definidos genéricos (no singular e no plural) é mais alta do que a de nominais nus (no singular e no plural) no grupo de ouvintes, por outro lado, a análise proposta presentemente para o desenvolvimento linguístico é consistente com a oposição observada, tendo em vista que o DP definido é a opção identificada na ASL. Essa correlação pode ser caracterizada como um efeito do *input* linguístico da L1 na AL2.

Na oposição entre os dois grupos, uma questão adicional é por que o nominal nu no plural não é encontrado nos dados da interlíngua dos surdos – tendo em vista que o traço de número é

considerado interpretável nesse contexto, com as implicações referidas anteriormente para a AL2. Questão idêntica se coloca em relação aos dados dos ouvintes, em que existe preferência pelo definido genérico em detrimento do nominal nu (seja no singular, seja no plural). Do ponto de vista da presente análise, tais fatos vêm reforçar hipótese de que a realização lexical da categoria D pelo artigo (definido) plural atua como um *default* morfológico na AL2, estando as demais possibilidades de estruturação do DP associadas a condições distintas, a que se atribui o motivo para as restrições em sua manifestação. Deixamos para pesquisa futura a investigação da natureza dessas restrições.

6 Considerações finais

O estudo examinou a interlíngua de surdos aprendizes de português como segunda língua, considerando, em particular a manifestação de definidos genéricos (no singular e no plural) e de nominais nus (no singular). Na análise, constatou-se alta frequência de nominal nu no singular, o que foi analisado como uma situação de transferência da L1, já que LSB, que é a L1 dos surdos, não possui artigos. Propôs-se que a ocorrência do definido genérico (no plural e no singular) na interlíngua dos surdos indica a existência de desenvolvimento linguístico. Tal situação consiste no mapeamento de traços morfo(fono)lógicos do artigo na configuração projetada pelo núcleo funcional de Número na estrutura do DP, o que é determinado pelo traço formal de número, tendo em vista a hipótese de que apresenta aporte de interpretabilidade nesse contexto. Nesse sentido, o artigo definido no plural é analisado como uma categoria morfológica *default* na AL2. Essa análise sustenta-se pela taxa de frequência mais alta de definidos genéricos no plural (do que no singular) – na interlíngua dos surdos e nos dados dos ouvintes (falantes de português L1).

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. **The English noun phrase in its sentential aspect.** Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, 1987.

ALEXIADOU, A.; HAEGEMAN, L.; STRAVOU, M. **Noun Phrase in the generative perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

BERENT, The acquisition of English syntax by deaf learners. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. (ed.) **The handbook of second language acquisition**. San Diego: Academic Press, 1996. p. 469-506.

BERNSTEIN, J. The DP hypothesis: identifying clausal properties in the nominal domain. In: COLLINS, C.; BALTIN, M. (ed.). **The Handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford: Blackwell, 2001.

CHAN-VIANNA, A. **Aquisição de português por surdos: estruturas de posse**. Dissertação (Mestrado em Língua) - Universidade de Brasília, 2003.

CHAN-VIANNA, A. Estruturas de posse na aquisição de português por surdos. **Papéis: Revista de Letras**, v. 7, n. especial, pt. 1, jul/dez, p. 9-17, 2004.

CHAN-VIANNA, A. **Opcionalidade no português não nativo de surdos falantes de Língua de Sinais Brasileira: o sintagma nominal**. Documento de Qualificação de Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2008.

CHOSMKY, N. **Knowledge of language. Its origin, nature and use**. New York: Praeger, 1986

CHOSMKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 19, n. 4, p. 677-714, 1996.

FELIPE, T. Introdução à gramática da LIBRAS. In BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**, vol. III, Série Atualidades Pedagógicas, n. 4, p. 81-123. Brasília: SEESP, 1998.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

HEIM, I. **The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases**. Massachusetts. PhD Dissertation. Amherst, GLSA, University of

Massachusetts, 1982.

KLEIN, E.; MARTOHARDJONO, G. Investigation second language grammars: some conceptual and methodological issues in generative SLA research. In: KLEIN, E.; MARTOHARDJONO, G. (ed.). **The development of second language grammars: a generative approach**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 3-34.

KRIFKA, M.; PELLETIER, F. J.; CARLSON, G.; TER MEULEN, A.; CHERCHIA, G.; LINK, G. Genericity: an Introduction. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. J. (ed). **The generic book**. Chicago: Chicago University Press, 1995. p. 1-124.

LENNEBERG, E. H. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names. **Linguistic Inquiry**, n. 25, p. 609-65, 1994.

LOPES, R.; QUADROS, R. Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de línguas?. **Revista da ABRALIN**, v. 4, n.1-2, p. 75-108, 2005.

MULLER, A. L. A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M.-J. **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 153-172.

NEIDLE, C.; J. KEGL; D. MACLAUGHLIN; B. BAHAN; R. LEE. **The syntax of American Sign Language. Functional categories and hierarchical structures**. Cambridge: MIT Press, 2000.
ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1985.

QUADROS, R. **Phrase structure in Brazilian Sign Language**. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, D. **Estudos de língua de sinais: um contexto para a análise da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SCHWARTZ, B. The second language instinct. **Lingua**, n. 106, p. 133-160, 1998.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the Nominal Mapping Hypothesis: Bare Nouns in Brazilian Portuguese. **Proceedings of NELS**, v. 29, p. 1-15, 1999.

SMITH, N. V.; TSIMPLI, I. M. **The Mind of a Savant: Language Learning and Modularity**. Oxford: Blackwell, 1995.

SORACE, A. Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. **Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 1999. p. 1-21.

SORACE, A. Near-nativeness. In: DOUGHTY, C.; LONG, M. (ed.) **Handbook of Second Language Acquisition**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 130-152.

TSIMPLI, I.-M. (2004). Features in L1 and L2 acquisition: evidence from Greek clitics and determiners. In: H. Hendricks (ed.) *Analyse comparative des processus d'acquisition en L1 et L2*, **Special Issue of AILE** (Acquisition et Interaction en Langue Étrangère), v. 20, p. 87-128, 2004.

TSIMPLI, I. M.; ROUSSOU, A. Parameter-Resetting in L2. **UCL Working Papers in Linguistics**, n. 3, p. 149-69, 1999.

TSIMPLI, I.-M.; STAVRAKAKI, S. The effects of a morphosyntactic deficit in the determiner system: the case of a Greek SLI child. **Lingua** n. 108, p. 31-85, 1999.

WHITE, L. Second language acquisition and universal grammar. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 12, p. 121-33, 1989.

WHITE, L. **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

*Recebido em março de 2010
Aprovado em maio de 2010*

SOBRE AS AUTORAS

Heloisa Maria Moreira Lima-Salles é Doutora em Linguística pela University of Wales (1997). Atualmente é professor adjunto da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Linguística, na abordagem da Teoria Gerativa, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe de complementação, sintaxe de preposições, com ênfase em línguas românicas, germânicas, língua brasileira de sinais, aquisição de português L2, bilinguismo dos surdos. Autora de diversos trabalhos, entre eles: *For-infinitives in Brazilian Portuguese and English: Similarities and contrasts in the grammatical encoding of modality*. In: Anastasios Tsangalidis; Roberta Facchinetti. (Org.). **Studies on English Modality: in honour of Frank Palmer**. 1a. ed. Berna: Peter Lang, 2009, v. 111, p. 157-180; e, *Exceptional Case Marking in Brazilian Portuguese*. In: Montserrat Batllori; Maria Lluïsa Hernanz; Carme Picallo; Francesc Roca. (Org.). **Grammaticalization and Parametric Variation**. New York: Oxford University Press, 2005, v. 1, p. 72-81.
E-mail: heloisasalles@gmail.com

Adriana Cristina Chan Vianna é Doutoranda da Universidade de Brasília. Possui graduação em Letras Tradução pela Universidade de Brasília (1986) e mestrado em Linguística pela mesma instituição (2003). Entre os seus principais trabalhos publicados encontram-se: *Estruturas de posse na aquisição de português por surdos*. **Papéis: Revista de Letras**, v. 7, n. especial, pt. 1, jul/dez, p. 9-17. Campo Grande, MS, 2003; e *Formulação de inferências e propriedades da interlíngua de surdos na aquisição de português (escrito)*. In: Heloisa Maria Moreira Lima Salles. (Org.). **Bilingüismo dos Surdos**. Questões Lingüísticas e Educacionais. Brasília: , 2007, v. , p. 97-118, em co-autoria com H. M. L. Salles e P. S. B. Salles.